RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber. ISSN: 2675-9128.

RESENHA DO LIVRO "CONSCIENTIZAÇÃO" DE PAULO FREIRE

REVIEW OF THE BOOK "AWARENESS" BY PAULO FREIRE

Submetido em: 16/11/2021
Aprovado em: 18/11/2021
v. 1, ed. 11, p. 01-5, nov. 2021

DOI: 10.51473/rcmos.v1i11.202

Henrique de Oliveira Moreira

O livro *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento,* de Paulo Freire traz em 48 páginas uma série de reflexões, divididas em três partes, sobre diversos aspectos do processo de conscientização do homem e da sociedade, com foco nos países que hoje são considerados como em desenvolvimento, especialmente os países da América Latina.

Na primeira parte – O homem e sua experiência -, é mostrado o início de vida de Paulo Freire em Recife e depois em Jaboatão, evidenciando que as leituras que tiveram seu início na adolescência foram importantes para a sua formação, assim como o carinho, o diálogo e o apoio de seus pais. Ainda é relatada sua prisão em 1964 que, segundo o autor, aconteceu devido ao irracionalismo que assolava o país naquele período histórico e que se parece muito com o período atual.

Apresenta ainda sua participação nos Círculos de Cultura que se iniciaram em Angicos e depois teve expansão para outras partes do Brasil, momento que também o julgavam comunista apenas por tentar dar voz ao povo. Alguns grupos políticos reagiam dessa forma por medo de perda de privilégios que aconteceriam devido à participação popular. Isso porque os alunos formados nos Círculos eram críticos e sabiam a diferença entre as promessas e a realização delas. Alguns políticos apoiavam a alfabetização, desde que fosse para aumentar o número de eleitores. Contudo, Paulo Freire estava preocupado com a liberdade dos oprimidos através de uma educação que fosse capaz de fazê-los críticos antes os problemas individuais e coletivos.

A primeira parte ainda confere uma parte de sua atuação durante o exílio no Chile, período em que seu método de alfabetização foi instituído naquele país. Waldom Cortêz, que

era o responsável pelo Escritório de Planejamento para a Educação de Adultos no ano de 1965, pensava em rever os métodos de alfabetização de adultos e descobriu que Paulo Freire havia feito um trabalho inovador no Brasil similarmente ao que o chileno pensara. Em uma ação planejada com a participação de várias instâncias, formaram coordenadores na base do diálogo e no método freireano. Em dois anos, o Chile recebeu da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) uma distinção que o apontou como uma das cinco nações que melhor combateram o analfabetismo, tendo calculado que teriam aproximadamente 100.000 estudantes e 2.000 coordenadores alguns anos depois.

A segunda parte, intitulada Alfabetização e Conscientização, traz a explicação de seu método de alfabetização de maneira filosófica, mostrando que os envolvidos devem se distanciar do objeto conhecido para fazer uma reflexão crítica, sempre tendo a consciência de serem todos sujeitos. Diante da constante e contínua reflexão é que o homem é capaz de se tornar cada vez mais homem e transcender as "situações-limite" na busca do "possível não experimentado". Tudo isso, diante de um processo de tomada de consciência que parte da posição ingênua e parte para um desenvolvimento crítico em que homem pode pensar em suas ações, criando e recriando sua relação com o mundo. Focando na utopia como um ato de anunciar uma estrutura humanizante depois de denunciar uma estrutura desumanizante.

Um conceito muito interessante é o de Ideias-força que seriam um conjunto de ideias que embasariam o ato educativo. Na tentativa de fazer um resumo linear do que foi apresentado em seis itens, pode-se colocar que o homem inicia por uma reflexão sobre o meio de vida e que vai progredindo para a emersão consciente a ponto de intervir e mudar a própria realidade. Através das relações com outros homens e com o mundo, e consequentemente com Deus, descobre-se o conceito de temporalidade, demonstrando sua capacidade, sua inteligência e sua liberdade. A partir dessas relações, o homem passa a produzir cultura, criando e recriando, transformando a natureza numa relação dialógica com outros homens. Daí, ele produz história, participando da construção de sua época e é capaz de propor mudanças com a chegada de novos tempos. Tudo isso, para possibilitar o homem a ser um sujeito transformador, capaz de estabelecer relações com outros homens, fazendo cultura e história, com o auxílio de uma educação autêntica que tenha como objetivo a liberdade.

Quanto ao Processo Metodológico, pode-se afirmar que ele vem apresentado em cinco fases, passando pela descoberta do universo vocabular dos grupos, levando em consideração seus sentimentos e anseios; partindo em seguida para a seleção das palavras seguindo alguns

critérios como riqueza silábica e dificuldade dos fonemas; para enfim chegar à fase de criação de situações existenciais típicas que farão sentido aos grupos. A quarta etapa seria a elaboração das fichas indicadoras que servirão para auxiliar os coordenadores no decorrer dos debates. Depois, seriam criadas as fichas das famílias fonéticas de acordo com as palavras geradoras. Após a elaboração do material e treinamento das equipes, começa o trabalho de alfabetização.

Na terceira parte – Práxis da Libertação – há a apresentação de três palavras-chaves que devem ser relativizadas. A primeira delas é a "Opressão". Há aqui todo um detalhamento do comportamento do oprimido, que tende a aderir ao comportamento do opressor na medida em que não tem outro modelo de humanidade. Como o opressor vê o homem que quer se libertar como um subversivo, cabe ao oprimido lutar para se libertar. A segunda palavra é "Dependência". Refletindo sobre ela, há uma consideração sobre a dependência dos países subdesenvolvidos (hoje ditos países em desenvolvimento) em relação aos países desenvolvidos. No livro, há a indicação de que os países pobres precisam superar suas "situações-limite" para converterem-se em "seres-para-si-mesmos", pois a mudança deve acontecer de dentro da sociedade na busca de ser para si, ao invés de ser para outro, seguindo modelos fora da sociedade. Trata-se de uma análise que vai do macro para o micro – mostrando a realidade de algumas nações da América Latina, inclusive o Brasil – quando associa os países ricos oprimindo os mais pobres, assim como a elite desses mesmos países pobres oprime seus cidadãos; fator que nasce dessa relação de dominador e dominado. A terceira palavra é "Marginalidade" e ela apresenta os analfabetos como seres marginalizados em várias esferas estruturais e são obrigados a viverem nessa situação por não terem opção. Contudo, numa relação de dependência, na verdade são homens oprimidos no interior de uma estrutura fechada cuja solução seria que se libertassem dessa estrutura desumanizante.

Partindo do mesmo raciocínio, o modelo pedagógico reflete o ideal do dominador. Sendo assim, para a libertação do oprimido, faz-se necessária uma pedagogia que parta dele mesmo em direção à conscientização, a partir de uma educação que não seja neutra, que nenhuma imposição fora do povo seja aceita e que toda ação seja objeto constante de reflexão. Portanto, a educação também deve ser libertadora, deve partir do diálogo em um processo crítico em busca da humanização. A educação problematizadora, diferentemente da educação bancária, deve se preocupar com a transformação crítica e criadora fundamentada no amor e no diálogo.

Enquanto o homem for alienado, não será capaz de realizar ações e pensamentos autênticos, sempre estará servindo a uma realidade que não é a sua, já que segue os padrões expressos na sociedade dirigente que o induz a se preocupar mais em aparecer do que ser. A interiorização dos modelos dominadores faz com que os dominados sempre tratem aqueles como mitos, ao mesmo tempo em que se inferiorizam. Para se libertarem dessas amarras é preciso que percebam a cultura interiorizada para depois refletir sobre ela e só então começar a reformular, criar e recriar sua própria identidade através da ação cultural e da revolução cultural. A conscientização, viabilizada por esses processos, pelo esforço intelectual e pela práxis, conduz a uma luta contra a desumanização dentro de um projeto revolucionário que procura a transformação do estado de consciência semi-intransitivo ou transitivo-ingênuo para a consciência crítica. Segundo Paulo Freire, tal alteração não poderia ser promovida pela direita, uma vez que ela não pode ser utópica por não poder oferecer clareza no que diz respeito às estruturas que servem para a cultura do silêncio e para a dominação. Por último, a reflexão que se faz é sobre em que medida a tecnologia serve de ferramenta libertadora ou alienante. Ou em que medida as especialidades se tornam "especialismos" que fogem ao rigor crítico necessário à conscientização das massas e libertação das formas opressoras de poder.

Com certeza, esta é uma das obras de imprescindível leitura sobre o pensamento do autor. A partir de fundamentos filosóficos e práticos traz à reflexão aspectos históricos e culturais do indivíduo, da sociedade brasileira e da América Latina, partindo do micro e através de analogias consegue ampliar seu raciocínio abrangendo as nações oprimidas. Sempre se baseando no amor e no diálogo, o livro apresenta o lado ideológico de Paulo Freire que supera as barreiras da educação e vislumbra um ser humano em sua totalidade, livre e conscientemente crítico.

Referências

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação:** uma introdução ao pensamento de Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.